A Linguagem Metafórica nas Adivinhas: um Recurso Didático-Pedagógico para o Ensino de Língua Portuguesa

Surama Fernandes da Silva
PIBIC/CNPQ/UFPE[1]

Resumo

Este artigo analisa oito adivinhas formadas por metáforas estruturais, observando a contribuição destas para a formação do enigma e a relação destas com o ensino de Língua materna, através de uma análise em livros didáticos de Língua Portuguesa.

Palavras-chaves
Adivinhas. Metáforas. Livro didático. Língua portuguesa.

Abstract

This paper analyses eight riddles which are formed by structural metaphors, observing their contribution to the formation of the riddle and their relation to the mother tongue, through an analysis in text books of Portuguese language.

Key-words
Riddles. Metaphors. Text books. Mother tongue.

Todos nós temos um conhecimento, mesmo que superficial, do que são adivinhações, pois elas fazem parte de nossa cultura e estão intrinsecamente ligadas às nossas lembranças da infância e até mesmo aos momentos de lazer e entretenimento da vida adulta. Na

[1] Este artigo faz parte do projeto de pesquisa "A organização textual-interativa das adivinhações: segunda versão" coordenado pela profa. Angela Dionisio – PIBIC/CNPq/UFPE (1999-2000).

perspectiva lingüística, as adivinhas são textos verbais que resultam de relações sintático-semântico-pragmáticas (cf. Pepicello & Green, 1984), formados pelo par pergunta-resposta, sendo que a resposta está contida na pergunta de modo cifrado, velado ou inesperado (Saraiva, 1998; Dionisio, 1999); são jogos de linguagem em que a relação entre fatos semânticos e informações pragmáticas fornecem subsídio para uma interação baseada num *saber* e numa *curiosidade* (Jolles, 1976; Abaurre e Possenti, 1993, apud Dionisio, 1998). Neste artigo, temos dois objetivos principais: (1) mostrar a natureza metafórica das adivinhas, através da exposição de um dos tipos de metáforas encontrados neste gênero textual, focalizando, especificamente, as adivinhas nas quais a metáfora é formada por personificação; e (2) mostrar como têm sido usadas as adivinhas em manuais didáticos de língua portuguesa.

A adivinhação está sendo concebida como uma modalidade do texto descritivo (Dionisio, 1998). A seqüência prototípica da descrição proposta por Adam (1993, apud Dionisio, 1998) compreende um *tema-título* (fator de coesão semântica referencial sobre o qual recai a focalização do sistema descritivo) e *quatro macro-operações:* procedimento de ancoragem, procedimento de aspectualização, procedimento de estabelecimento das relações e processo de encadeamento pela subtematização. No gênero adivinha, encontramos apenas os três primeiros. O procedimento de ancoragem identifica o todo que constitui o tema-título, o de aspectualização apresenta uma classificação de elementos deste todo ou de partes deste todo a serem descritas, causando uma fragmentação na qual são levadas em conta qualidades ou propriedades do elemento descrito. O procedimento das relações "estabelece as relações (comparativas, metonímicas, metafóricas) entre estas propriedades do objeto e uma outra propriedade àquelas associadas" (Dionisio, 1998:61).

Tomamos por base os estudos de Lakoff & Johnson (1980:14), os quais classificam as metáforas em *estrutural, ontológica e orientacional.* A metáfora estrutural (ME) é definida como "o caso em que um conceito é metaforicamente estruturado em termos de um outro". A língua pode ser considerada no seu uso cotidiano e no seu uso poético, ambos ativados pelo nosso sistema metafórico convencional (cf. Lakoff & Johnson 1989, apud Zanoto,1998). No entanto, enquanto as metáforas cotidianas são realizadas mesmo sem que o falante tenha plena consciência disso, as metáforas poéticas apresentam um maior grau de consciência e, nas adivinhas, por se tratar de construções enigmáticas, apresentam uma maior intencionalidade. Durante a análise, procuramos identificar os recursos lingüísticos envolvidos na construção do enigma em metáforas estruturais. Utilizamos, para este artigo, 8 adivinhas, extraídas do *corpus* geral do projeto acima referido.

Adivinhas formadas por metáforas estruturais

A metáfora estrutural permite-nos entender um conceito em termos de outro (Lakoff & Johnson, 1980). Paivio (1979 apud Zanotto, 1990:25) apresenta dois processos psicológicos que interagem contribuindo para a compreensão da metáfora: o sistema de *associação verbal* e o sistema de *associação por imagens*, pois "as interconexões entre os dois sistemas permitem que a informação possa ser transferida de um para o outro [...]. Assim, palavras podem evocar imagens e eventos concretos podem evocar descrições verbais". É nisto que reside a importância dos modelos cognitivos que variam de indivíduo para indivíduo, pois, segundo Lakoff & Johnson (op. cit), baseados em nossas experiências com objetos físicos criamos metáforas, levando em conta que o nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado.

A personificação tem sido usada como base da construção dos enigmas, pois favorecem a criação das metáforas e servem para despistar o leitor/ouvinte (desafiado) do tema-título. Observamos dois tipos de metáforas estruturais: (i) ME autopersonificada e (ii) ME heteropersonificada, havendo uma predominância da segunda em relação à primeira.

• *Adivinhas formadas por ME autopersonificadas*

Nas metáforas estruturais autopersonificadas o próprio tema-título apresenta os aspectos selecionados para criar o enigma. Os pronomes possessivos, verbos copulativos e outros verbos que são genuinamente característicos de atividades humanas são alguns dos elementos lingüísticos que subsidiam a apresentação dos temas-títulos. Podemos observar estes elementos de personificação nas adivinhas 1 e 2.

1- *Sou* um *rei coroado*
No meu trono *sentado*;
Quanto *mais velho fico*
Mais *fico respeitado.*
R- Abacaxi

2- *Sou* fêmea perigosa
Rápida e bem *decidida*
Mesmo que *eu seja macho*
Sou fêmea toda a vida?
R- Cobra

Os elementos de personificação são principalmente marcados, na adivinha 1, pelo verbo *ser* e *estar* na 1ª pessoa, além do pronome possessivo *meu*, constituindo, assim, uma autopersonificação. Quanto aos elementos metafóricos, temos *"rei coroado", "trono sentado", "mais velho", "respeitado"*. A descrição "*rei coroado*" alude às folhas do abacaxi, enquanto "*trono sentado*", considerando que antes fora aludido a um rei pela sua coroa (folhas), refere-se ao fato de brotar apoiado sobre um feixe de folhas ligadas à raiz.. A preferência pelo abacaxi maduro por ser mais doce é proposta pela metáfora "*mais velho*" e "*mais respeitado*". A metáfora proposta não é somente "*o abacaxi é um homem*, e sim, "*o abacaxi é um rei*".

Na adivinha 2, ocorre uma autopersonificação na qual é atribuída uma característica humana "*ser decidida*" ao réptil; neste caso, o aspecto enfocado é comportamental. O elemento de oposição, nesta adivinha, existe, mas não está lexicalizado, pois constitui a oposição Texto x Normal (Maeda,1988:), ou seja, a oposição existente no texto e "o fenômeno concebido por nós como normal". Em outras palavras, não é aceitável que um ser que é macho seja também fêmea, a não ser no caso dos hermafroditas. Este porém não é o caso da cobra. A adivinha, portanto, joga com o fato de *cobra* ser um substantivo epiceno, causando ambigüidade. A metáfora, aqui, é "*a cobra é uma mulher*", mesmo que o terceiro aspecto citado tente despistar o leitor/ouvinte dessa proposta.

- *Adivinhas formadas por ME heteropersonificadas*

A heteropersonificação constitui a grande maioria das metáforas estruturais e assim como a autopersonificação, favorece grandemente a manutenção do enigma. A heteropersonificação caracteriza-se, principalmente, pela apresentação do tema-título através da utilização de verbos conjugados na terceira pessoa (singular ou plural) ou, ainda, no infinitivo. Serve de ilustração a adivinha 3:

3- *O que é, o que é?*
Essa parece trazer
Um pensamento profundo.
Antes do pai *nascer*,
A filha já corre o mundo.
R- Fogo e Fumaça

Duas pistas são dadas para facilitar o desvendar do enigma, a primeira, é a pista textual *"o que é, o que é?"* que revela o caráter enigmático do texto. A outra é a afirmação "essa parece trazer um pensamento profundo", antecipando que algo de difícil compreensão está vindo, ou seja, será necessário fazer inferências para desvendar o tema-título. Esta afirmação se estabelece como verdadeira com os versos seguintes "antes do pai nascer, a filha já corre o mundo". A oposição proposta é a *Texto x Normal* (Maeda,1988), mencionada anteriormente, pois seguindo a ordem normal dos acontecimentos, a filha só poderia existir depois do pai. A construção metafórica "nascer" como alusão ao ato de iniciar tem sido muito produtiva nas adivinhas.

As nossas experiências com objetos físicos, em especial o nosso corpo, nos possibilitam criar metáforas. A personificação pode apresentar-se de diversas maneiras, dependendo dos aspectos que estão sendo enfocados. Estes aspectos podem ser físicos, intelectuais ou comportamentais, podendo, assim, manifestar-se por meio de processos cognitivos como a comparação, a metáfora e a metonímia, principalmente. Apesar de também se apresentarem como processos distintos, observamos que em algumas adivinhas ocorre, simultaneamente, mais de um processo, que contribui para a formação do enigma, como podemos observar na adivinha 4:

4- *Fininha como* um *cabelo,*
luzente como uma *espada*;
brinca na mão da menina,
mas pelo *pé* é *amarrada.*
R- Agulha e Linha

Na adivinha acima, os dois primeiros versos da quadrinha utilizam um símile (agulha/*cabelo, agulha/espada),* assim chamado "por relacionar termos de natureza diferente" (Martins, 1997:97), no qual o nexo gramatical utilizado foi *como*. De acordo com Martins, este é o mais usual nexo comparativo, embora haja outros mais característicos da linguagem popular (*que nem, feito)* e outros da linguagem culta (*tal, à semelhança de, análogo a)*. Esses nexos promovem o estabelecimento das relações entre as propriedades dos temas-título (neste caso, físicas: *fininha, luzente*) e os elementos a que estas propriedades são comparadas (*cabelo, espada)*. Por possuir dois temas-título, o primeiro aspecto apresentado desta adivinha pode referir-se tanto à agulha quanto à linha, levando em conta que ambas apresentam semelhanças físicas, ou seja, são fininhas. *Luzente*, entretanto, só pode ser associado à *agulha*. Nos aspectos subseqüentes, há duas realizações metafóricas "*brinca na mão da menina*" e "*pelo pé é amarrada*". A primeira tem como referente o tema-título *agulha* e a segunda, o tema-título *linha*. O verbo *brincar* subsidia a formação da metáfora por se tratar de um verbo que exprime uma ação que está, intrinsecamente, relacionada à atividade humana. Em oposição à idéia de liberdade, sugerida pelo verbo *brincar*, é utilizado o operador discursivo *mas* seguido da metáfora "*pelo pé é amarrada*". A parte selecionada *pé* é uma associação à parte inferior da agulha por onde passa a linha. As descrições dos dois temas-título estão relacionadas de forma a exigir, na resposta, a presença de ambos.

Chamamos a atenção para a adivinha 5, exemplo de uma pseudo-heteropersonificação:

5- O que é, o que é?
Tem *cabeça* mas não pensa.
Não tem *boca* mas tem dente
Tem *barba* mas não tem queixo.
Seu cheiro fica na gente.
R- Alho.

Neste caso, as partes selecionadas *cabeça e boca* não foram associações metafóricas criadas pelo desafiador para causar ambigüidade, mas o tema-título *alho* é um bulbo vegetal (cabeça) formado por bulbos menores (dentes). Com exceção de casos relacionados com a botânica, o uso da expressão "*cabeça de alho*" e "*dente de alho*" é unanimemente aceita, sem que se tenha plena consciência de se estar tratando de uma metáfora. Mesmo que este fenômeno, que a estilística tradicional denomina de *catacrese*, possa, inicialmente, ter-se estabelecido por relações metafóricas, o uso apagou este estágio inicial da palavra. A língua muda; assim, metáforas velhas passam para o uso idiomático comum (cf. Pepicello & Green, 1984:113). Neste caso, o desafiador joga com a falsa personificação que se estabelece com as partes fragmentadas (*cabeça, boca e barba)* e estabelece a oposição (*não pensa, tem dente, não tem queixo*) das três propriedades inerentes a quem tem cabeça, não tem boca e tem barba.

- *Relação metáfora x metonímia nas adivinhas*

Estamos concebendo as metáforas no seu conceito mais amplo que incorpora, também, os conceitos de metonímia e sua extensão, pois, de acordo com Pepicello & Green (1984), algumas adivinhas podem empregar metáfora e metonímia, isto é, similaridade e contigüidade combinadas, para confundir o desafiado. Lakoff & Johnson (1980) afirmam ser a metonímia o caso em que nós usamos uma entidade para referir a uma outra a ela relacionada. Ainda segundo esses autores, "conceitos metonímicos estruturam não apenas nossa linguagem, mas nossos pensamentos, atitudes e ações" e, assim como as metáforas, estes conceitos são baseados em nossas experiências. Assim, a metáfora e a metonímia são enfoques de uma mesma realidade (cf. Saraiva e Bittencourt,1990), como ilustra a adivinha 6:

6- Sou *teatro de prazeres*
E de imensas afeições;
A *velhice* e a *mocidade*,
Comigo afogam paixões;
Os ricos que a mim se chegam
De tudo que têm se esquecem,
Os pobres têm refrigério,
Dos trabalhos que padecem;
De noite gente de bem
Busca minha companhia,
Porém vadios e ladrões
Só me procuram de dia.
R- Cama

Nesta adivinha, as metáforas *"teatro de prazeres", "afogam as paixões", busca minha companhia"*, e *"só me procuram de dia"*, bem como as referências metonímicas de *"velhice"* às pessoas mais velhas ou maduras e *"mocidade"* às pessoas mais jovens, formam uma seqüência descritiva das partes do tema-título enfocando as utilidades do mesmo. Neste contexto, similaridade e contigüidade se mesclam formando o enigma. Os elementos lingüísticos que subsidiam a personificação são o emprego dos verbos na 1ª pessoa, o uso dos pronomes possessivos (mim, minha, me). Observemos a adivinha 7:

7- *Sou* comprida e bem feita
Meu colo tem formosura;
Sou combatida do vento,
Só posso dormir segura.
R- Canoa

A metáfora, aqui, proposta é *a canoa é uma mulher.* Ao referir-se à canoa, o desafiador estabelece relações de similaridade *"Sou comprida e bem feita"*, *"Meu colo tem formosura" e "Só posso dormir segura"*. Em descrições literárias a utilização da palavra *colo* para descrever parte do pescoço, em se tratando de personagens femininas, é privilegiada. O desafiado deve estabelecer a relação entre o colo *parte do corpo feminino* e colo *corte da canoa* para chegar ao tema-título. O desafiador joga, ainda, com a polissemia da palavra *"segura"* que pode referir-se, entre outras, à segurança ou ao fato de estar presa ou amarrada, que é o sentido apropriado para este contexto. Um outro exemplo da utilização de conceitos metonímicos pode ser observado na adivinha 8, na qual diversos processos interagem resultando no enigma:

8- *Sou* cortês, atencioso,
Sujeito muito decente;
Vou ao salão, ao palácio
Pela mão de muita gente,
Não porque seja acanhado,
Mas por certa conveniência,
Pois *nasci* para andar
Em lugar de evidência,
Presto ótimos serviços
A quem passeia comigo
De coração orgulhoso
A todos concedo abrigo.
Quem sou?
R- Chapéu

A metonímia é a base da formulação do enigma, nesta adivinha. De fato, "o princípio de metonímia é integral para o processo de adivinhação" (Pepicello & Green, 1984:122). As utilidades do tema-título *chapéu* se confundem com as características de um homem. Poderíamos pensar que a metáfora proposta é *O chapéu é um homem*, no entanto, ela é mais delimitadora, isto é, a metáfora, neste caso, é *O chapéu é um cavalheiro*. A personificação favorece esta interpretação. Os verbos utilizados (ser, ir, nascer, prestar, passear, etc), bem como atribuições como "sujeito muito decente", "de coração orgulhoso" enfatizam a troca do homem pelo objeto. O pronome relativo *"Quem"*, característico de referência a pessoas, é utilizado para despistar o leitor/ouvinte ao ser utilizado para um ser inanimado ao lado do verbo copulativo *"ser"*. Na verdade, o emprego desse pronome com referência a animais e coisas é muito comum para alguns autores antigos e modernos. (cf. Ferreira 1999:1682).

Na busca de elementos ou pistas textuais que nos direcionem à construção enigmática das adivinhas não podemos esquecer o caráter discursivo destas e, por isso, entender que as metáforas, tanto nas adivinhas quanto em outros contextos, visam "a ser um fenômeno discursivo, no qual o sujeito encontra o espaço de liberdade ao subverter as regras da língua para inscrever sua subjetividade criativa" (Zanotto,1990, apud Dell'Isola, 1998). Embora, durante as análises, tenhamos mostrado alguns dos principais elementos lingüísticos que subsidiam a formação do enigma, devemos considerar que um fator de grande relevância para a compreensão de qualquer texto é o contexto, e que as relações sócio-lingüístico-culturais estão intrinsecamente ligadas à construção e desconstrução do enigma e, consequentemente, à elaboração de metáforas, sejam poéticas ou cotidianas.

As adivinhas formadas por metáforas e os livros didáticos de língua **portuguesa**

Partindo dos resultados da primeira versão do projeto de pesquisa "A organização textual-interativa das adivinhações", pudemos constatar o valor didático-pedagógico das adivinhas, não só enquanto texto descritivo, mas também, enquanto texto de natureza metafórica passível de ser utilizado em aulas de língua materna. É com o objetivo de sugerir que as adivinhas, cujo enigma é formado por metáforas, sejam utilizadas de maneira mais sistemática e relevante para o ensino de língua que apresentamos os resultados da primeira versão deste projeto. Embora as atividades lúdicas propostas pelas adivinhas sejam, historicamente, conhecidas, o seu valor didático-pedagógico é inquestionável e por isso, aqui, primordialmente enfocado.

De maneira geral, ao se ensinar o que a estilística tradicional chama de *figura de linguagem*, tende-se ao uso apenas de textos literários tradicionais os quais trazem, em sua maioria, metáforas poéticas, mas que são exploradas como ornamentos dos textos e não como um processo cognitivo que se dá não só na linguagem poética como também na cotidiana.

É interessante mostrar como têm sido utilizadas as adivinhas nos livros didáticos de Língua Portuguesa. A análise nos manuais didáticos se deu em dois momentos principais: (i) foram investigadas a ocorrência, as principais formas enunciativas e as funções das adivinhas nos livros didáticos destinados aos quatro ciclos do Ensino Fundamental; e (ii) as contribuições do texto-adivinha, enquanto modalidade do gênero descritivo para o ensino de língua materna.

O corpus investigado foi formado por *157* livros didáticos, dos quais *65* são destinados aos 1° e 2° ciclos e *92* são manuais dos 3° e 4° ciclos. Neste livros, foram encontradas *565* adivinhas. Foram analisados, prioritariamente, os livros indicados pelo MEC para o ano de 1998, além de algumas publicações que não haviam sido submetidas à análise do MEC. Os manuais que continham adivinhas, mas que não foram aprovados pelo MEC não constaram em nossas análises.

Verificou-se, que a ocorrência das adivinhas deu-se, principalmente, nos manuais de alfabetização, havendo uma redução gradativa nos manuais dos 1° e 2° ciclos. Nos manuais do 3° ciclo, houve nove ocorrências, enquanto no 4° ciclo houve apenas dois registros, conforme se observa nas tabelas abaixo:

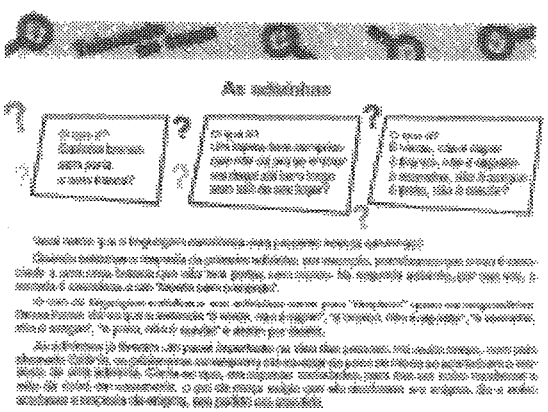
Tabela de ocorrência das adivinhas nos manuais didáticos do Ensino Fundamental

Ciclos	Séries	N°. de livros analisados		N°. de livros contendo adivinhas		N°. de adivinhas por série	
		Indicados pelo MEC	Não-analisados pelo MEC	Indicados pelo MEC	Não-analisados pelo MEC	Indicados pelo MEC	Não-analisados pelo MEC
-	Alfa	09	02	**08**	02	85	57
1°	1ª	11	03	05	03	21	17
	2ª	05	09	01	07	11	78
2°	3ª	06	07	04	01	29	5
	4ª	06	07	02	03	15	22
Total		37	28	20	16	161	179
Total Parcial:		**65**		**36**		**340**	

Tabela de ocorrência das adivinhas nos manuais didáticos do Ensino Médio

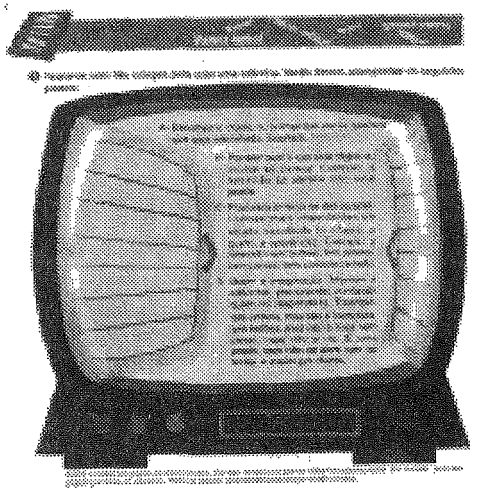
Ciclos	Séries	N°. de livros analisados		N°. de livros contendo adivinhas		N°. de adivinhas por série	
		Indicados pelo MEC	Não-analisados pelo MEC	Indicados pelo MEC	Não-analisados pelo MEC	Indicados pelo MEC	Não-analisados pelo MEC
3°	5ª	16	06	05	01	85	09
	6ª	17	06	02	01	45	12
4°	7ª	19	05	01	00	31	00
	8ª	18	05	**01**	**00**	33	00
Total		70	22	09	02	204	21
Total parcial:		**92**		**11**		**225**	
Total geral:		**157**		**47**		**565**	

No que concerne aos manuais dos 1° e 2° ciclos, as seções em que mais ocorreu o uso as adivinhas foram:(i) "*Para brincar*", "*Brincando com a linguagem*", ou similares; (ii) nas seções de *Ortografia* e *Gramática*, nas quais o aluno, além de decifrar a adivinha, exercita o conteúdo anteriormente estudado; (iii) nas seções em que se realizam atividades de leitura e escrita. Era esperado que houvesse uma expressiva ocorrência de adivinhas nos manuais das séries iniciais considerando o caráter lúdico das adivinhas, no entanto, surpreendeu-nos que nos manuais destinados aos 3° e 4° ciclos, nos quais as seções de ortografia e gramática predominam, houvesse apenas *uma* única ocorrência das adivinhas numa seção de Linguagem Metafórica. Destaque para o livro "Ateliê da Palavra" 6ª série, Patrícia Teixeira, pois a autora antecipa aos PCNs o valor da linguagem metafórica das adivinhas, propondo atividades de leitura e produção textual, além de dedicar uma seção (Teimando no tema) especialmente ao trabalho com a linguagem metafórica existente nas adivinhas, de maneira clara e contextualizada. Podemos ver abaixo como a autora apresenta essas atividades:



A proposta de Teixeira para a exploração da linguagem metafórica existente na formulação do enigma das adivinhas é uma prova concreta da viabilidade deste trabalho que estamos realizando. No entanto, surpreende-nos que apenas um dentre os 92 livros didáticos do Ensino Fundamental 2 (3° e 4° ciclos) traga uma proposta para o trabalho com o aspecto metafórico das adivinhas e que apenas 11 LD façam alguma menção às adivinhas. Esses números devem ser considerados, principalmente quando lembramos que 70 dos 92 livros analisados foram indicados pelo MEC (ver tabela).

De fato, a sugestão de trabalho com as adivinhas, apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998: 112 e 128) se dá apenas para as séries dos 1° e 2° Ciclos do Ensino Fundamental 1. Assim, pudemos constatar uma subutilização deste gênero textual nos LD de Língua Portuguesa. Com relação ao Ensino Fundamental 2 (5ª a 8ª séries) os PCNs não fazem uma menção explícita ao trabalho com o gênero adivinha, embora sugira "o cordel, o causo e similares" enquanto gêneros privilegiados para a prática de escrita e leitura de textos. O que aparece no Ensino Fundamental 1 como adivinhas, parlendas, entre outros, no Ensino Fundamental 2 são relegados ao status de "similares".



Considerações finais

As adivinhas apresentam uma grande diversidade de estratégias para a construção do enigma. A grande ocorrência de metáforas (no seu sentido mais amplo) ou comparações diretas, estruturadas com base na personificação, na formação do enigma, evidencia que as metáforas fazem parte do nosso cotidiano, pois o gênero adivinha está presente nas diversas culturas e níveis sociais, e hoje vai passando das calçadas às salas de aula (cf. Dionisio, 1999).

Quanto a utilização das adivinhas enquanto recurso didático-pedagógico, elas apresentam múltiplas possibilidades, além de promover, pelo aspecto lúdico e fatores sócio-lingüístico-culturais que as envolvem, maior interação em sala de aula. No entanto, como pudemos constatar, nos manuais didáticos analisados, é praticamente inexistente as propostas relevantes de trabalho com o texto-adivinha, ao mesmo tempo em que é ignorada as relações metafóricas, por exemplo, que como foi mostrada, leva a um 'pensar sobre a língua'. Diferentemente, estes manuais quando não estão privilegiando o aspecto lúdico das adivinhas ou atividades de metalinguagem, exploram-nas em seções de Folclore. É o repensar desta prática que estamos propondo para que não seja privilegiado o aspecto lúdico das adivinhas em detrimento das potencialidades contributivas deste gênero textual para o ensino de língua materna.

Referências

DELL'ISOLA, R. L. P. (1990). A metáfora e seu contexto cultural. In: V. L. OLIVEIRA PAIVA. *Metáforas do cotidiano*. Minas Gerais, UFMG.

DIONISIO, A. (1998). Imagens na oralidade. Tese. Recife:UFPE.

DIONISIO, A. (1999). *Adivinhas: da calçada à sala de aula*. Recife: UFPE (mimeo).

FERREIRA, A. B. de H. (1999). Novo Aurélio Século XXI: o dicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira. pp.1682.

JOLLES, A. 1976. *Formas simples*. São Paulo, Cultrix, pp. 109-127.

KOCH, I. V. 1997. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo, Contexto.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980). *Metaphors we live by*. Chicago, The University of Chicago Press.

MAEDA, K. (1988). Estrutura da Adivinhação. *Letras & Letras*, jun/dez, pp.147- 159.

MARTINS, N. S. 1989. Introdução a estilística: a expressividade na língua portuguesa. São Paulo, EDUSP.

OLIVEIRA E PAIVA, V. L. de . (org). (1998). *Metáforas do cotidiano*. Minas Gerais, UFMG.

PEPICELLO, W. J. & GREEN, T. A. (1984). *The language of riddles*. Columbus, Ohio State University Prees.

PONTES, E. (org.) (1990). Metáforas temporais em português coloquial. In: E. PONTES. *A metáfora*. Campinas, Unicamp. pp. 45-52.

_____ .(1990) O "continuum" língua oral e língua escrita: por uma nova concepção do ensino. In: E. PONTES. *A metáfora*. Campinas, Unicamp. pp. 35-40.

SARAIVA.A. (1998). *Enigmáticas e poética das adivinhas populares portuguesas*. Fundação Joaquim Nabuco, Folclore 253-A.

SARAIVA, M. E. & BITTENCOURT, V. de O. (1990). A concordância verbal em estruturas com SN complexo no Português: um caso de interferência de fatores metonímicos e metafóricos.In: E. PONTES (org.) *A metáfora*. Campinas, Unicamp. pp.91-112.

SILVA, S. F. da. (1999) Adivinhações em Livros didáticos de Língua Portuguesa. In: Revista Ao Pé da Letra, vol. 2, Recife, UFPE.

TEIXEIRA, P.M. (1998). Ateliê da Palavra. 6ª série, p.89-98. São Paulo, Quinteto Editorial.

TOLENTINO, M.V. F. de. (1990). Muito além das metáforas. In: E. PONTES. *A metáfora.* Campinas, Unicamp. pp.77-89.

ZANOTTO (de Paschoal), M. S. (1990) Em busca da elucidação do processo de compreensão da metáfora. In: E. PONTES. *A metáfora.* Campinas, Unicamp. pp.115-127.